

e Pôrto Murtinho, aludindo às respectivas condições econômicas; tece considerações acêrca da navegação no Alto e Médio Paraná, acima e abaixo das Cataratas das Sete Quedas, e dos seus afluentes principais; refere-se às estradas de ferro e de rodagem que ligam Guaira a Pôrto Tomaz, a Laranjeira e a Pôrto Francisco Mendes Gonçalves; menciona o modo como se faz exploração da erva-mate, a situação dos trabalhadores, sua remuneração, condições de vida, costumes, forma de pagamento, alimentação e higiene; aprecia vários problemas atinentes à região, as deficiências dos serviços postais e telegráficos, do ensino rural, do policiamento e fiscalização dos ervais e da extensa fronteira, e mostra a facilidade que há nessa zona para o ingresso de indesejáveis e clandestinos. No final do relatório, o conselheiro Dulfe Pinheiro Machado frisou a necessidade imperiosa da colonização do sul de Mato Grosso, expondo o seu ponto de vista e fazendo sugestões.

O presidente do Conselho de Imigração e Colonização, agradeceu ao conselheiro Dulfe Pinheiro Machado a leitura desse documento, que contém informações sôbre os diferentes aspectos econômicos e sociais da região visitada, constituindo um verdadeiro capítulo de geografia econômica e humana brasileira.

COLABORAÇÃO DO DEPARTAMENTO GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS E DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DE SÃO PAULO

Estiveram em visita à capital mineira o engenheiro Chefe do Serviço de Geodésia do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo e os seus assistentes técnicos, respectivamente engenheiros Gastão César Bierrembach de Lima e José de Oliveira Quintão, afim de procederem à aferição de um bási-

metro, por comparação com os fios de "invar" recentemente adquiridos pelo Estado de Minas Gerais, serviço que foi feito nas proximidades da Secretaria da Viação.

Especialmente designados pelo Diretor do Departamento Geográfico dêste Estado, acompanharam os trabalhos os assistentes técnicos engenheiros José de Oliveira Duarte e Eduardo Schimidt Monteiro de Castro.

De acôrdo com os entendimentos havidos entre os serviços geográficos dos dois Estados mencionados, serão métricas bases geodésicas em pontos previamente escolhidos, provavelmente no município de Uberaba, que serão aproveitadas para as respectivas redes de triangulação. Todos os dados que forem obtidos com os trabalhos de campo serão permutados entre os dois departamentos técnicos e os pontos triangulados servirão para amarração dos levantamentos das fôlhas que teem trechos em ambos os Estados, conforme ficou estabelecido no plano de levantamento da Carta Geral do Brasil, ao milionésimo.

DOIS GEÓLOGOS NORTE-AMERICANOS EM VISITA AO BRASIL

Segundo comunicação que o Ministério do Trabalho recebeu do Escritório de Expansão Comercial, em Nova Iorque, os geólogos Stephen Capps e William Drumm Johnston Jr., do U. S. Geological Survey, veem ao Brasil em missão oficial, afim de examinar principalmente as jazidas de minérios de cromo e de manganês dos Estados da Baía, Minas Gerais e Mato Grosso.

Os dois cientistas deverão apresentar relatório sôbre as reservas de minérios e as condições de exploração das respectivas jazidas, tendo em vista o suprimento dos referidos metais, de que carecem os Estados Unidos.

RETIFICAÇÃO NECESSÁRIA

Um equívoco concorreu para que no número de Julho desta "Revista" (N.º 3 do II ano), na fotografia que serve de ilustração ao trabalho do Sr. Gileno De Carli, seguinte à página 364, fôsse colocada uma legenda dando aquela ilustração como sendo alusiva a um trecho da capital pernambucana.

Verificado o engano em que incorremos, nos apressamos agora em retificar aquele equívoco, declarando que a referida ilustração representa um trecho da cidade de Campos.

BOLETINS DE ASSOCIAÇÕES INTEGRADAS NO C. N. G. BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS (SÃO PAULO)

I. HISTÓRICO

O ano de 1934 viu inaugurar-se o primeiro curso moderno de Geografia em uma universidade brasileira, com o organizado pelo professor *Pierre Deffontaines* na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Durante sua primeira permanência no Brasil, entrou o ilustre professor francês em relações com diferentes personalidades paulistas, que se interessavam pelo progresso dos estudos geográficos. Após algumas reuniões na própria residência do prof. *Deffontaines*, à avenida Angélica, logo se verificou de grande utilidade constituir-se uma verdadeira associação,

que tivesse suas reuniões periódicas, onde houvessem "comunicações" científicas, seguidas de discussões, onde fôsem preparadas excursões e, caso fôsse possível, que mantivesse uma publicação regular.

Os primeiros elementos que constituíram a jovem sociedade foram nomes de destacado relevo: o geólogo *Luiz Flores de Moraes Rêgo*, catedrático de Geologia da nossa Escola Politécnica; o engenheiro *Agenor Machado*, do Instituto Geográfico e Geológico do Estado; o *Dr. Rubens Borba de Moraes*, conhecedor da História e da bibliografia brasileira; e o *Dr. Caio Prado Júnior*, escritor.

Rapidamente, o pequeno grupo recebeu animadora acolhida no Instituto de Higiene, onde até hoje costumam realizar-se as reuniões da "Associação dos Geógrafos Brasileiros" e cujo diretor, o *Dr. Geraldo Horácio de Paula Sousa*, passou a ser um dos membros mais assíduos. Como o agrupamento assim formado inspirava-se nos princípios da "Association de Géographes Français", ficou assentado escolher-se o nome que até hoje conserva. Nascida em São Paulo, esperavam os seus membros que bem depressa o gosto pela ciência geográfica acabaria por se difundir através de todo o Brasil; e o próprio nome — Associação dos Geógrafos Brasileiro — era a afirmativa dessa esperança. Os acontecimentos posteriores vieram dar razão ao professor *Pierre Deffontaines* e aos seus companheiros da primeira hora.

Fundada a 7 de Setembro de 1934, a "Associação dos Geógrafos Brasileiros" não tinha muito tempo para trabalhar antes do fim desse mesmo ano. Entretanto, decidiu-se que o primeiro grande tema a ser abordado, fôsse o da *divisão regional do Estado de São Paulo*. Três pessoas colaboraram ativamente neste trabalho: o *Dr. Carlos Wright*, o professor *Morais Rêgo* e o professor *Pierre Deffontaines*. O importante estudo, publicado por este último nos "Annales de Géographie" de 1935, sobre as divisões regionais de São Paulo, salu, em grande parte, dos trabalhos da "Associação".

Após esse ano inaugural, a A. G. B. não cessou de progredir: recebeu adesões da parte de estudantes de Geografia da Universidade de São Paulo e de alunos da Escola Politécnica; certos professores de Geografia em estabelecimentos de ensino secundário também trouxeram sua colaboração, como também funcionários dos serviços de Imigração e Colonização do Estado de São Paulo.

A causa essencial do seu sucesso reside, sem dúvida alguma, na regularidade de suas reuniões, abertas a todos quantos se interessam pela Geografia e que se realizam sem a menor formalidade, em uma atmosfera de cordialidade e de simplicidade. Assim fazendo, a A. G. B. conseguiu congregiar um grupo de homens de boa vontade, que comparecem às suas reuniões para colaborar por um melhor conhecimento do Brasil.

Eis a indicação das principais "comunicações" feitas perante a "Associação", quer em 1935, quando o *Dr. Caio Prado Júnior* se encarregava de organizar as reuniões bi-mensais, quer a partir de 1936, quando a presi-

dência foi confiada ao professor *Pierre Monbeig*, da Universidade de São Paulo:

Dr. Carlos Wright — "A citricultura em São Paulo";

Dr. Caio Prado Júnior — "Distribuição da propriedade fundiária no Estado de São Paulo"; "Contribuição para o estudo das influências étnicas no Estado do Paraná"; "A indústria salinera no Estado do Rio de Janeiro";

Dr. Agenor Machado — "O levantamento aerofotogramétrico do município da capital de São Paulo"; e "Plano de levantamento do Estado de São Paulo";

Prof. Morais Rêgo — "Aspectos geológicos e fisiográficos gerais do Nordeste brasileiro"; "O vale do Tocantins"; "O relêvo do Rio Grande do Sul"; a "Região do Cariri"; e "Estudos sobre o Nordeste brasileiro";

Prof. Antonieta de Paula Sousa — "Impressões de uma viagem ao longo do Paraná";

Prof. Alice Piffer Canabrava — "A região de Piracicaba";

Prof. João Dias da Silveira — "Mapas de densidade do Estado de São Paulo";

Dr. Geraldo de Paula Sousa — "Notas sobre uma viagem ao Espírito-Santo"; e "Considerações geográficas sobre a febre amarela silvestre";

Prof. Claude Levi-Strauss — "Entre os Bororos de Mato-Grosso"; e "Impressões de uma viagem ao Brasil Central";

Major Mário Travassos — "À margem de fatos geográficos sul-americanos";

Prof. Pierre Monbeig — "A zona pioneira do norte do Paraná"; "A zona do cacau no sul da Baía"; "Observações sobre o desenvolvimento das vias de comunicação do Estado de S. Paulo" e "A região do Noroeste";

Dr. Rui Cardoso — "A criação de gado em Mato Grosso";

Dr. Josué de Castro — "Mocambos do Nordeste";

Sr. Renato Silveira Mendes — "A Baixada fluminense";

Sta. Maria Aparecida Pantoja — "Casa Branca";

Dr. Sampaio Ferraz — "A nossa guerra atmosférica";

Prof. Emanuel de Martone — "Apresentação Atlas da França";

Prof. Luigi Galvani — "Determinação do centro de gravidade demográfico";

Eng. Teodoro Knecht — "Geologia da Serra do Mar, no Estado de São Paulo";

Eng. Glycon de Paiva — "Excursão ao Roraima";

Dr. Rubens Borba de Moraes — "Contribuição para a história do povoamento de São Paulo até fins do século XVIII".

Esta simples enumeração permite que se veja a variedade dos assuntos e dos colaboradores. A Geografia é uma ciência de síntese e, ao mesmo tempo, ela trabalha sobre a reali-

dade, necessitando, em consequência, da colaboração não só dos que fazem parte da Universidade, como também dos que se acham em contacto diário com os fatos concretos.

Quando se fundou a A. G. B., a idéia de uma publicação regular foi objeto de consideração, como já ficou dito. Em 1935, o então secretário da "Associação", Dr. Caio Prado Júnior, conseguiu publicar a revista "Geografia", que foi a primeira verdadeira revista da ciência geográfica no Brasil. Foi mesmo possível dar à revista uma apresentação que lhe permitisse ocupar um lugar mais do que honroso entre as revistas congêneres da América Latina. Mas todos conhecem as dificuldades materiais que encontra para viver e prosperar uma revista científica, salvo se for poderosamente amparada. Por isso, depois de 1936, cessou de ser publicada a revista da "Associação". Entretanto, ninguém poderá surpreender-se caso venha ela novamente a surgir: colaboração jamais faltou e, com ela, dispunha-se de um excelente instrumento de cultura.

Felizmente, o exemplo não ficou sem frutos; e a REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, órgão do Conselho Nacional de Geografia, dispo de recursos que faltaram à A. G. B., continua brilhantemente a obra começada em 1935.

Na verdade, em grande parte graças ao dinamismo do professor Pierre Deffontaines (que se passou da Universidade de São Paulo para a do Distrito Federal), o movimento geográfico tomou corpo no Rio de Janeiro. Lá, também, um grupo de geógrafos de boa vontade começou a reunir-se periodicamente; e, assim, teve a "Associação" o seu primeiro e promissor núcleo fillado.

Atualmente, nas duas grandes metrópoles do litoral e do planalto brasileiro, trabalha-se com o mesmo desejo de colaboração: a concretização a mais perfeita de tal objetivo se encontra precisamente neste "Boletim", que acaba de aparecer. Graças à compreensão total e à gentileza do Presidente do "Conselho Nacional de Geografia" e de seu secretário-geral, tornou-se possível a publicação de um "Boletim" da "Associação dos Geógrafos Brasileiros", no qual serão resumidas as "comunicações" feitas, tanto no centro fundador paulista, como no núcleo do Rio de Janeiro.

Entregando-o ao público brasileiro, a "Associação dos Geógrafos Brasileiros" formula votos muito sinceros para que o seu "Boletim" logo receba a colaboração de outros núcleos, que devem se constituir nas outras grandes cidades de todo o Brasil: congregar alguns funcionários dos serviços geológicos, e agrônomicos, oficiais do Exército e da Marinha, higienistas, jovens estudantes, fazendeiros ou industriais, tanto quanto os professores ou especialistas em Geografia, e esforçar-se conjuntamente por fazer projetar uma luz brilhante — a do conhecimento — sobre o nosso país, eis uma coisa perfeitamente realizável, pelo menos em todas as capitais de Estados, como noutros centros urbanos. Entre todos esses núcleos de geógrafos brasileiros, o "Boletim" será o traço de união, sob os altos auspícios do "Conselho Nacional de Geografia". Assim sendo, a inicia-

tiva do pequeno grupo, que se reunia em São Paulo no ano de 1934, terá conseguido obter os seus melhores frutos, com a prosperidade da "Associação dos Geógrafos Brasileiros".

II. OS ATUAIS ASSOCIADOS

Em 31 de Agosto de 1940, estava assim constituído o quadro social da "Associação": Agenor Machado, Antônio Carlos Couto de Barros, Aldo Mário de Azevedo, Antenor Pinto da Silveira, Antônio M. de Menezes Drummond, Ari França, Astrogildo Rodrigues de Melo, Antonieta de Paula Sousa, Alice Piffer Canabrava, Antônio A. M. de Queiroz Teles, Aroldo Edgar de Azevedo, Alvaro de Sales Oliveira, Afonso Antônio Roco, Antônio Carlos de Oliveira, Ari de Azevedo Bloem, Armando de Sales Oliveira, Alberto Pereira de Castro, Alfredo Ellis Júnior, Antônio de Paula Assiz, Alfredo Gomes, Caio Prado Júnior, Cantídio de Moura Campos, Claude Levi-Strauss, Clodomiro Pereira da Silva, Cristóvão Leite de Castro, Eurípides Simões de Paula, Eddy Crisciuna, Egon Schaden, Estanislau Bousquet, Fernando Almeida, Franz Messner, Geraldo Horácio de Paula Sousa, Gabriel Pelicioti, Glycon de Paiva, Gustavo de Godói Filho, Guilherme Wendel, Hilton Federici, Heinz Lehfeld, Hildebrando Siqueira, João Dias da Silveira, Júlio de Abreu Filho, Jorge Duque Estrada, Júlio de Mesquita Filho, José Carlos Rodrigues, José de Oliveira Orlandi, João Lellis Cardoso, José Guedes de Azevedo, José Augusto Bártolo, Juliette Monbeig, Maria Conceição Vicente de Carvalho, Maxim Tolstoi Carone, Marcelo Mesquita Correia, Maria da Conceição Martins Ribeiro, Moacir, Eyk Alvaro, Mário Travassos, Nelson Camargo, Nicolau Duarte Silva, Odilon Nogueira Matos, Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines, Paul Arbousse Bastide, Paulo Pereira de Castro, Paul Montell, Pedro Bernardo Guimarães, Rubens Borba de Moraes, Raul de Andrada e Silva, Renato Silveira Mendes, Rui de Azevedo Bloem, Roberto Cochrane Simonsen, Rafael Rocha Campos, Rosendo de Sampaio Garcia, Rafael Bueno, Rui Calasãs de Araújo, Sálvio de Almeida Azevedo, Sílvio Fróis de Abreu, Teodoro Knecht, Teodoro Braga, Temístocles Rocha.

III. RESENHA DOS ÚLTIMOS TRABALHOS

Durante a gestão da atual Diretoria da "Associação", entre Novembro de 1939 e Agosto de 1940, foi a seguinte a atividade social:

20 DE NOVEMBRO DE 1939

Os novos dirigentes da Associação. — Para dirigir os destinos da A. G. B. durante o ano social de 1940, foram eleitos os seguintes associados: DIRETORIA — Presidente, Prof. Pierre Monbeig (reeleito); Secretário-geral, Prof. Aroldo de Azevedo; Tesoureiro, Dr. Sálvio de Almeida Azevedo. COMISSÃO CONSULTIVA — Dr. Rubens Borba de Moraes, Dr. Geraldo de Paula Sousa e Prof. João Dias da Silveira. REVISTA "GEOGRAFIA" — Diretor, Dr. Agenor Machado; Comissão Redatorial — Prof. Luiz Flores de Moraes Rêgo, Dr. Caio Prado Júnior, Dr. Antônio Carlos Couto de Barros e Prof. Raul de Andrada e Silva.

27 DE NOVEMBRO DE 1939

O "*Atlas Geológico do Brasil*". — Sobre o assunto, fez uso da palavra o Prof. Moraes Rêgo. Depois de historiar rapidamente o quanto já se fez pela geologia em nosso país e de pôr em realce a contribuição de figuras notáveis, tais como Hartt, Gorceix, Derby e Branner, referiu-se o orador aos seus ilustres continuadores, entre os quais se destaca o Dr. Eusébio Paulo de Oliveira, recentemente falecido. Discorreu, depois, sobre o novo "*Atlas Geológico do Brasil*", encarecendo o seu valor e acentuando a contribuição do Dr. Eusébio de Oliveira, motivo pelo qual aproveitava a oportunidade para pedir à "Associação" que lhe prestasse, naquele instante, a homenagem póstuma a que tinha direito.

Impressões de uma viagem à África. — Abordando este tema, também ocupou a tribuna o Dr. Moacir Eyk Alvaro, presidente do "Idort", que começou por acentuar quealaria como turista e não como geógrafo. Descreveu a viagem que realizou recentemente através dos domínios britânicos da África, dentro da linha aérea do Cabo ao Cairo. Referiu-se aos diversos aspectos fisiográficos e humanos que podem ali ser observados, entremelando a sua exposição com referências históricas e fatos pitorescos e exibindo, ao terminar, numerosas fotografias.

19 DE FEVEREIRO DE 1940

Regulamentação dos núcleos filiados. — Nesta reunião, foi lido, discutido e aprovado o projeto de autoria do Prof. Aroldo de Azevedo, que trata da regulamentação dos núcleos filiados à "Associação".

4 DE MARÇO DE 1940

Recepção e homenagem ao ministro Bernardino de Sousa. — Em sessão especial, realizada no salão nobre do Instituto Histórico, recebeu a A. G. B. o ministro Bernardino José de Sousa, ilustre presidente da comissão organizadora do Nono Congresso Brasileiro de Geografia. A reunião foi presidida pelo embaixador José Carlos de Macedo Soares e teve a presença de numeroso e seletto auditório. Saudando o visitante, falou o Prof. Pierre Monbeig, que agradeceu a confiança depositada na "Associação", ao escolhê-la para local da realização de sua conferência nesta Capital; a seguir, historiou rapidamente a vida da "Associação" e acentuou que a visita do ministro Bernardino de Sousa constituía mais uma vitória da A. G. B. pois era, sem dúvida, a prova de que suas atividades haviam ultrapassado as fronteiras do planalto paulista.

Falou, depois, o ministro Bernardino de Sousa, que começou por externar a sua satisfação por entrar em contacto com o público paulista através da tribuna da A. G. B., que, acentuou, "era a única, no gênero, existente no país". Explicando a razão de sua presença na capital paulista, afirmou que aqui viera afim de solicitar o apoio e a colaboração da intelectualidade de São Paulo para o grande certame de Florianópolis. A seguir, historiou a

obra dos congressos anteriores e explicou as diretrizes do de 1940. Terminou por fazer um veemente apêlo a todos os paulistas no sentido de darem sua adesão ao Nono Congresso, porque, assim fazendo, contribuíam, antes de tudo, pelo melhor conhecimento do Brasil.

Encerrando a reunião, o embaixador Macedo Soares afirmou que o ministro Bernardino de Sousa podia sentir-se orgulhoso com o êxito invulgar de sua conferência, quer pela maneira feliz por que havia abordado o assunto, quer pela presença de figuras tão expressivas da intelectualidade e das classes conservadoras de São Paulo àquela sessão especial.

18 DE MARÇO DE 1940

Homenagem à memória do general Moreira Guimarães. — Em nome da A. G. B., falou o Prof. Aroldo de Azevedo, que prestou uma homenagem ao general José Maria Moreira Guimarães, antigo presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, recentemente falecido, e pôs em destaque as diversas etapas de sua vida como militar, escritor, político e homem de ciência.

Alguns problemas brasileiros, em face da geografia humana. — Sobre tal tema, fez uso da palavra o Dr. Sálvio de Almeida Azevedo, assistente técnico do Serviço de Imigração e Colonização do Estado. Começou por se referir a problemas demográficos, focalizando especialmente o da alimentação do brasileiro. Em seguida, tratou de problemas econômicos, pondo em realce as nossas possibilidades, o que já se tem feito e o que se poderia fazer. Finalmente, tratou do problema educacional, abordando a questão do ensino primário nas diversas regiões do país. Foram exibidos pelo conferencista numerosos gráficos de muita significação e tiveram lugar, sobre o assunto, animados debates.

8 DE ABRIL DE 1940

Influências estruturais sobre o relevo das regiões cristalinas de São Paulo. — Sobre o assunto, falou o Prof. Dr. Luiz Flores de Moraes Rêgo. Começou por se referir à peneplanície eocênica e ao ciclo erosivo que está em vias de atingir o seu fim. Recordou que, dentro das formações cristalinas brasileiras, devemos distinguir as formações de origem interna, ígneas, ácidas e metamórficas (com granitos e ortognais) e as formações metamórficas que correspondem ao Arqueano superior e às chamadas séries de Minas e de São Roque. Referindo-se ao relevo estrutural das regiões cristalinas de São Paulo, acentuou que as primeiras formações (granitos e ortognais) surgem como batólitos no interior dos dobramentos, ao passo que as séries metamórficas aparecem no capeamento exterior. Fez notar que as duas últimas formações (a do Arqueano superior e a da série de São Roque) distinguem-se uma da outra, mais pelo grau de metamorfismo do que, propriamente, pela cronologia; fez ver, mesmo, que existe entre ambas um certo sincronismo.

Passando a estudar o relevo da costa meridional, chamou a atenção para os vales pa-

ralelos ao litoral, que se intercalam na chamada *Serra do Mar* (como acontece no vale do *Cubatão*, no do *Juquía*, no próprio vale do *Paraíba*), procurando explicar tal disposição do relêvo pelo trabalho da erosão exercido sobre as rochas metamórficas e negando que haja sinais de tectonismo recente, nesses vales, como querem alguns.

Procurou, a seguir, explicar o degradamento que sofre a *Mantiqueira* em sua porção meridional, pondo em realce a influência estrutural. Referindo-se à presença de chistos nas encostas das montanhas graníticas (como na serra da *Cantareira*), lembrou a diferença que o nosso caboclo faz entre os "desbarançados" e as "bossorocas", os primeiros aparecendo onde haja fortes declives das camadas e os segundos onde haja horizontalidade. Fez referência, também, aos calcários do vale da Ribeira de Iguape, para realçar que os fenômenos cársticos que ali tiveram lugar explicam a inversão da drenagem fluvial e o fato do rio alcançar diretamente o mar. Terminou por lembrar a necessidade da colheita de novos dados, feita de modo direto, sem o que a ciência não poderá progredir.

Uma viagem ao canal de Panamá. — Também ocupou a tribuna o Dr. Geraldo Horácio de Paula Sousa, que focalizou alguns aspectos do trecho americano de sua recente viagem ao Extremo-Oriente. Depois de falar da cidade de Belém do Pará (com suas antiguidades e o seu original museu Goeldi), referiu-se a dois pontos da Venezuela — La-Guayra e Caracas —, fazendo curiosas observações. Passou, a seguir, a historiar os antecedentes da construção do canal de Panamá, lembrando minuciosamente as diversas idéias a respeito, em várias épocas. Pôs em realce, depois, a obra gigantesca realizada pelo homem naquele recanto dos trópicos, focalizando sobretudo a luta contra a malária, para acentuar que a vitória da ciência provou, também, que o branco pode viver nas regiões tropicais, ao contrário do que muitos afirmavam. Descreveu, depois, como se processa a travessia do canal, fornecendo uma série de curiosos dados sobre esse particular. Encerrando sua palestra, exibiu aos presentes o *film* obtido em sua recente viagem, onde aparecem interessantes cenas de Belém, La-Guayra e de todo o trajeto pelo canal de Panamá.

22 DE ABRIL DE 1940

Estudos sobre um trecho da Mantiqueira. — Foi este o tema da palestra do Prof. João Dias da Silveira, que passou a se referir a observações colhidas na zona de Bragança, exatamente no ponto em que se inicia a degradação da *Mantiqueira* em direção ao planalto paulista. Acentuou, inicialmente, que é a homogeneidade das formas o que mais fere a atenção de quem visita aquela zona; os vales são abertos, inclinados na direção de NO e dividindo a região em compartimentos. Estudando-se o trabalho da erosão, tem-se logo a impressão de que os rios já alcançaram o seu perfil de equilíbrio, ainda mais em virtude da presença de numerosos meandros. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que é bastante ativa a

destruição pelas águas, com desmoronamentos e profundas bacias de captação, o que dificulta considerar a região como estando em sua maturidade. Para o orador, ela se encontra em sua juventude, quanto à evolução do relêvo; serão falsos os perfis de equilíbrio e os vales decorrem do relêvo geral. Acentuou o caráter "apalacheano" daquele relêvo e, também, seu caráter policíclico, com relevos residuais a 1.000 metros; os granitos aparecem nos divisores de águas, os gnais surgem nas encostas e os micachistos nos vales. Após a elevação post-eocênica, os vales foram cavados nas rochas menos resistentes (micachistos); mas há casos em que o micachisto aparece no alto, o que demonstra a juventude da região. Lembrou aos presentes que o Prof. Pierre Deffontaines julga existir ali um peneplano fóssil; mas, em sua opinião, não há necessidade de aventar uma hipótese tão complicada: o que teria havido seria apenas um reajustamento morfológico e estrutural. Terminou sua palestra chamando a atenção para as relações existentes entre o relêvo e as vias de comunicação, para acentuar que se tem registado ali verdadeiras "capturas" econômicas.

Também falou sobre o assunto o Prof. Moraes Rêgo, que teve oportunidade de confirmar o reajustamento estrutural admitido pelo orador; e transmitiu o resultado de suas pesquisas feitas na serra do *Bom-Jesus*, na Baía, em que as partes mais salientes correspondem às rochas menos resistentes, em virtude da estrutura.

Paisagens rurais do Estado de São Paulo.

— Falando sobre o assunto, declarou inicialmente o Prof. Pierre Monbeig que nada mais iria fazer que sujeitar à crítica dos presentes algumas de suas observações feitas a respeito das paisagens rurais do nosso Estado. Começou por lembrar que a situação climática do planalto paulista (colocado na zona de contacto de três massas atmosféricas: a do Atlântico, a do centro e a do sul) parece favorecer o aparecimento de vários tipos de paisagens rurais e explicar a tendência à policultura; o clima influirá mais do que o solo e o relêvo, assemelhando-se a nossa situação à das regiões temperadas. Passou, em seguida, a fazer uma breve recapitulação da nossa história econômica. Recordou que, no início do século XIX, era a criação de gado a grande atividade paulista; os viajantes que por aqui passaram (Spix e Martius, St. Hilaire, D'Orbigny) confirmam esse fato e acentuam que a paisagem rural era devida à extensão dos campos e à dispersão do homem, ocasionada pela prática da queimada. Nessa época, a agricultura antecedia a criação. Depois, veio o domínio do café e a consequente alteração na paisagem, graças à durabilidade da cultura. Referiu-se ao testemunho de Zaluar, para concluir que, em meados do século passado, havia em São Paulo dois sistemas e duas técnicas inteiramente diversas: a das grandes fazendas (com vida própria, intelectual e cultural) e a dos sítios de caboclos (tão desprezados por Zaluar).

De acordo com o Inquérito realizado em 1905 pela Secretaria da Agricultura, plantava-se café em qualquer terra (mesmo nos cerrados e, até, nos campos abertos). Foi, então, que

surgiu a paisagem bem conhecida criada pelos imensos cafezais, com o seu *habitat* característico: a sede da fazenda, tendo ao seu lado o terreiro, a tulha, etc. e, em torno, o cafezal, tal como, na época medieval, o castelo feudal tinha ao seu lado as principais dependências e dominava toda a vizinhança.

Com o elemento imigrante, nova transformação se registou: o *habitat* passou, de aglomerado que era, a ser disperso. Hoje, pode-se dizer que a paisagem encontra-se em plena revolução, bastando lembrar que, em certos pontos da alta Sorocabana (Presidente Venecslau, por ex.) a propriedade acha-se dividida em lotes compridos e estreitos, que muito lembram os de certas regiões européias, como o norte da França. Misturam-se todos os tipos de paisagem rural: as grandes fazendas, do tipo clássico, aparecem ao lado de pequenos sítios: a monocultura conjuntamente com a policultura; o *habitat* aglomerado de mistura com o *habitat* disperso. Encerrou a sua palestra, fazendo observar que já se começa a assistir uma adaptação dos tipos rurais aos diversos tipos de solos.

Sobre a comunicação do Prof. Monbeig, vários associados tercem considerações, entre os quais o Dr. Caio Prado Júnior, que lembrou ser conveniente não esquecer a fase da cultura da cana, que teria antecedido à do café.

6 DE MAIO DE 1940

Resenha bibliográfica. — Dêsse assunto encarregou-se o Prof. Aroldo de Azevedo. Referiu-se, inicialmente, ao livro intitulado "*Land der Zukunft — Reise in Brasilien*", publicado em 1937 e de autoria do Sr. Hermann Ullmann, focalizando de modo especial o capítulo referente à colonização japonesa no Baixo-Amazonas e fornecendo dados sobre os núcleos coloniais do rio *Acará* e de Monte-Alegre. Em seguida, teceu considerações em torno da obra "*Terminologia Físico-Geográfica do Brasil*", publicada em 1939 e de autoria do vice-almirante Dário Pais Leme de Castro, comentando várias das definições ou conceitos que figuram no livro citado.

Reflexões sobre a fito-ecologia do Brasil. — Abordou este tema o Prof. Félix Rawitscher, da cadeira de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Começou por estudar a questão dos solos, para acentuar que, quando faltam estações agromômicas ou meteorológicas, a vegetação espontânea poderá servir de indicadora dos diversos tipos de solos. Estudou especialmente o domínio geográfico das palmeiras e das árvores do gênero *Citrus*, demonstrando que os seus limites coincidem aproximadamente e que eles são dados, por sua vez, pelas quedas de neve. Referindo-se à influência da temperatura, focalizou exemplos expressivos, tanto europeus (Nice, Berlim, Kiew), como brasileiros (Manaus, Rio, S. Paulo). Chamou a atenção para a microclimatologia, que explica, por ex., o fato do café dar-se bem nos lugares altos e, não, nas baixadas. Lembrou, depois, a importância da umidade, estudando detalhadamente vários exemplos brasileiros (Santos, Raiz da Serra, S. Paulo, Campinas, Franca, Uberaba,

Sta. Vitória do Palmar). Terminou por acentuar que a espessura do solo representa um importante papel em nosso país, ao contrário do que acontece na Europa, pois, sendo notavelmente espesso, pode armazenar uma grande quantidade de água; isto é, o papel que é representado na Europa e na América do Norte pelas florestas, vê-se representado, entre nós, muitas vezes, pelas espessas camadas do solo. A palestra foi acompanhada de projeções luminosas.

Também falou sobre o assunto o Prof. Moraes Rêgo, que observou poder a palmeira buriti aparecer mais ao sul do que um dos mapas projetados mostrou; referiu-se à vegetação da zona semi-árida, para acentuar a sua tropofilia, desde que se adaptam às duas estações, seca e chuvosa; e lembrou que o pinheiro do Paraná tem o seu limite norte em Campos do Jordão e o seu limite sul entre Marcelino Ramos e Passo-Fundo. Outros sócios também comentaram a palestra realizada.

20 DE MAIO DE 1940

Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico. — Este o título de um artigo de autoria do Prof. Emanuel de Martone, publicado nos "*Annales de Géographie*" (Janeiro-Março de 1940), que foi resumido pelo Prof. Pierre Monbeig. Estudando o relêvo do Brasil tropical atlântico, o ilustre mestre parece encontrar nele um exemplo de relêvo "apalacheano". Estuda especialmente as serras do litoral, para acentuar que a rede hidrográfica acha-se adaptada a uma estrutura dobrada. Refere-se ao problema das origens do vale do *Paraíba*, afirmando que, se ali não existe uma fossa tectônica, existirá certamente uma "flexão" muito acentuada; o deslocamento parece comprovado em virtude dos cursos d'água se apresentarem paralelos à direção do relêvo, para, em seguida, alcançarem o vale do *Paraíba* por meio de gargantas e uma brusca alteração do curso. Regista a presença de três degraus de falhas: o da *Mantiqueira*, o da *Serra do Mar* e o das ilhas litorâneas. Depois de mencionar dois trechos nitidamente "apalacheanos" (a região de São Paulo e a de Belo Horizonte), estuda as superfícies de erosão, em número de quatro: a superfície Pré-permiana, a dos Campos, a das Cristas médias ou "apalacheanas", e a superfície Neogenética, de colinas baixas. Focaliza, depois, dois exemplos: a região do sul de Minas (a que denomina de "superfície do rio *Grande*"), de origem paleogênica e onde registra a presença de dobras de fundo na região de Ouro-Preto e no alto rio *Doce*; e a "cuesta" de Botucatu, também paleogênica e onde se registam alternâncias irregulares das camadas de basalto e de arenito. Concluindo o seu estudo, faz o prof. De Martone, no trabalho citado, uma reconstituição histórica do relêvo, distinguindo duas épocas mais notáveis: o Neogêneo, em que as dobras de fundo realizaram sua maior atividade, e o Quaternário, quando se realiza o abaixamento do "socle" atlântico, com os três degraus de falhas acima mencionados. Ao terminar a sua exposição, o Prof. Monbeig acentuou que o trabalho do Prof. De Martone também interessa bastante aos estudiosos da geografia humana.

Fez uso da palavra, a seguir, o Prof. Moraes Rêgo, que declarou não se negar a admitir falhas muito antigas no vale do *Paraíba* e que estava de acôrdo com a classificação das superfícies de erosão apresentada pelo Prof. De Martone. Depois, os debates generalizaram-se, fazendo uso da palavra especialmente os Srs. Fernando Almeida, Alberto Pereira de Castro e João Dias da Silveira.

10 DE JUNHO DE 1940

Impressões de uma viagem ao norte do Brasil. — Sobre este tema discorreu o Prof. Rafael Rocha Campos, que, ao terminar, fez exhibir um film referente à viagem que realizou ao senterião brasileiro.

22 DE JULHO DE 1940

Homenagem à memória do Prof. Moraes Rêgo. — Com a presença de numeroso auditório, entre os quais se destacavam o diretor e membros da congregação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, prestou a A. G. B. uma homenagem póstuma ao seu ilustre associado. Inicialmente, fez uso da palavra o Prof. Pierre Monbeig, que lembrou ao auditório haver sido o Prof. Moraes Rêgo, falecido recentemente nesta Capital de modo inesperado, um dos fundadores da "Associação" e um dos seus mais ilustres e operosos membros. Pôs em destaque a extraordinária contribuição deixada pelo saudoso professor de Geologia da Escola Politécnica, afirmando não existir um trecho importante de nosso país sobre o qual não tivesse êle realizado cuidadosas observações. Lembrou os notáveis trabalhos a respeito da geologia paulista, como também outros de caráter geográfico, tais como um sobre as "*Montanhas do Brasil*" (publicado no "Boletim" da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro) e a monografia sobre o "*Vale do São Francisco*". Terminou por dizer que a figura daquele pranteado geólogo não haveria de se apagar da memória dos seus companheiros da "Associação", cabendo aos seus ex-alunos continuar a obra iniciada pelo saudoso mestre.

Primeiras conclusões de uma excursão ao Itatiaia. — A seguir falou o Prof. João Dias da Silveira. Depois de acentuar a individualização do maciço do Itatiaia e de lembrar a expressão de Orville Derby (que o chamou, como a outros, de "montanha parasita"), afirmou que a etimologia da palavra Itatiaia — "pedra escarpada", segundo Plínio Airosa — dizia bem do seu verdadeiro aspecto. Trata-se de um bloco de sienitos nefelênicos, colocado sob os granitos da serra da *Mantiqueira*. Abordou, em seguida, o problema de suas origens, referindo-se a diferentes hipóteses já sugeridas, para preferir a opinião de Alberto Betim, que o considera um batolito, cuja cobertura gnáissica foi removida pela erosão.

Passando a estudar a região, distinguiu: a encosta e o planalto. A primeira inicia-se a uns 700 metros; é o domínio da floresta, apresentando um elevado índice pluviométrico e evidentes sinais de uma morfologia escultural,

com a presença de *marmitas*, *boulders* e desmoraamentos; ali se encontra o homem. O planalto apresenta um aspecto totalmente diverso; val de 2.100 a 2.400 metros e possui uma série de "serrotes", entre os quais o das *Agulhas-Negras* e o da *Pedra-Sentada*. Dominam as formações campestres, com frequentes queimadas e com ausência quasi total do homem, a não ser na vertente mineira. Estudando a morfologia do planalto, referiu-se às várias ações modificadoras do relevo (fluvial, química, eólica), para focalizar especialmente a hipótese levantada pelo Prof. De Martone a respeito da ação glaciária. Os vales "suspensos", os vales em calha, sinais de "circuitos" e de "morenas" frontais — tudo parece indicar que ali teve lugar a glaciação quaternária. Os materiais levados pelas primitivas geleiras constituiriam os verdadeiros cones de dejeção, que podem ser observados nas imediações do planalto, junto à estrada de rodagem. Após terminar sua palestra, o Prof. Silveira exhibiu uma série de fotografias obtidas na região estudada e esclareceu certas dúvidas apresentadas pelos presentes.

Encerrando a sessão, fez uso da palavra o Prof. Dr. Henrique Jorge Guedes, diretor da Escola Politécnica, que realçou ainda uma vez a obra insigne deixada pelo Prof. Moraes Rêgo e agradeceu, em nome da Escola, a justa e significativa homenagem que acabava de ser prestada à sua memória ilustre.

5 DE AGOSTO DE 1940

Imigração e colonização no Estado de São Paulo. — Sobre o assunto falou o Dr. Sálvio de Almeida Azevedo, que estudou as grandes etapas por que já passaram a imigração e a colonização em nosso Estado, desde os tempos coloniais até os dias presentes, procurando demonstrar a estreita correlação existente entre as correntes imigratórias e a evolução da cultura cafeeira. Forneceu, também, interessantes dados a respeito da imigração de norestinos para São Paulo. A palestra deu margem a animados debates.

26 DE AGOSTO DE 1940

Evolução ferroviária de São Paulo. — O orador, que foi o Prof. Odilon Nogueira Matos, após referir-se às estradas coloniais, abordou a questão dentro do critério cronológico, em períodos decenais, a partir de 1860-70, demonstrando, com riqueza de detalhes, as relações existentes entre aquela evolução e a expansão do povoamento e da cultura cafeeira.

A zona cacauera do sul da Baía. — Também falou o Prof. Júlio de Abreu Filho, que, desenvolvendo esse tema, referiu-se a interessantes aspectos, tais como: a obra do norestino, o quadro natural da região, o *habitat*, o processo de cultura e de colheita, a fazenda de cacau, o comércio e o papel do Instituto do Cacau; terminando por acentuar o caráter estritamente nacional dessa importante cultura do sul da Baía. Vários associados solicitaram esclarecimentos ao orador.

30 DE SETEMBRO DE 1940

14 DE OUTUBRO DE 1940

Uma viagem ao sul de Mato Grosso. — Desenvolvendo este tema, ocupou a tribuna o Dr. Antônio Cândido Vicente de Azevedo. Começou por descrever as paisagens atravessadas pela E. F. Nordeste do Brasil, focalizando especialmente o vale do rio *Aquidauana*, a serra da *Bodoquena* (com seus granitos e calcários dolomíticos) e o "pantanal". Deteve-se no estudo da vegetação, fazendo referência às florestas de ipês (piúvas) — brancos, rosas, róxos —, entremeadas dos chamados "paratudos" (que, parece, não tem nenhuma utilidade...), como também às várias espécies de palmeiras (bacurís, buritís, carandás) e outras árvores (gameleira, barriguda); o carandá é muito útil, assemelhando-se à carnaúba, enquanto que a gameleira serve para o fabrico de "bateias" e a barriguda para a construção de canoas. Estuda particularmente o "pantanal", com seu arvoredo escasso, coberto de gramíneas na vazante, e com seus montículos de terra deixados pelas águas e os notáveis vestígios de moluscos, indicativos talvez da presença, ali, de um mar desaparecido.

Passando ao estudo do homem, começou por acentuar a escassez do elemento negro e a predominância do mestiço de índio, com todos os característicos desse cruzamento (olhos amendoados, maçãs salientes, indolência); o habitante da região é, em geral, um homem sólido, agigantado, bem nutrido, com bela ossatura e bons dentes. Seu gênero de vida é a criação de gado; mas o gado, ali, vive geralmente à solta, livremente, o que justifica o dito popular de que, no sul matogrossense, "o gado cria o fazendeiro" e, não, o fazendeiro o gado. À margem da via-férrea aparecem poucas aglomerações urbanas; o *habitat* rural é do tipo disseminado. Referiu-se, depois, às principais cidades, umas com todos os característicos das cidades "criadas" ou "artificiais" (como Campo-Grande, com suas largas avenidas), outras pertencentes ao tipo clássico das velhas cidades de origem lusitana (como Corumbá, com sua parte baixa e sua parte alta); lembrou, também, Miranda, com suas recordações da guerra do Paraguai. Encerrou a sua palestra com a exibição de numerosas fotografias.

Levantamento agro-geológico do Estado de São Paulo. — Em seguida, ocupou a tribuna o Dr. José Setzer, técnico do Instituto Agrônomico de Campinas, que passou a tratar do levantamento agro-geológico do Estado, em execução pela secção de Solos daquele Instituto. A palestra foi dividida em quatro partes: 1. Organização dos trabalhos; 2. Os trabalhos de laboratório; 3. Os trabalhos de campo; 4. Resultados já conseguidos e mapas agro-geológicos elaborados. Provocou grande interesse a exibição desse último material, ainda inédito e o primeiro que, no gênero, se conseguiu realizar no país. Reduzindo os diversos tipos de solos do Estado a 22 tipos mais característicos (desde o "salmourão" até as aluviões recentes), os técnicos do Instituto Agrônomico realizaram um trabalho realmente notável.

Resenha bibliográfica. — Encarregou-se desta parte o Prof. Pierre Monbeig, que se referiu ao livro intitulado "*White Settlers in the Tropics*", de autoria do Prof. A. Grenfell Price, da Universidade de Adelaide (Austrália). Em seu trabalho, o autor estuda particularmente as terras que ainda podem ser objeto de povoamento por parte dos povos de cor branca, sobretudo. Trata especialmente da adaptação fisiológica dessas populações às zonas tropicais, referindo-se a tentativas levadas a efeito nas Antilhas, na Flórida, no canal de Panamá, na África e no Queensland (Austrália); mas nada fala sobre o Brasil, o que é, sem dúvida, uma falha sensível que a obra apresenta. Estuda o problema das influências do meio, os tipos de alimentação e vestuário, exercícios físicos aconselháveis, tendo em vista um povoamento estável e, não, temporário. A conclusão do autor do livro pode ser assim concretizada: em relação ao assunto, toda generalização deverá ser evitada, pois cada região possui suas condições locais próprias, quer geográficas, quer de fundo histórico. A obra é acompanhada de abundante bibliografia.

Estudos sobre o vale do Paraíba. — Em seguida, ocupou a tribuna o Dr. Caio Dias Batista, chefe do Serviço de Melhoramentos do Vale do Paraíba, que fez um apanhado geral sobre esse importante trecho do nosso Estado. Desenvolvendo o tema, o orador tratou dos seguintes assuntos: 1. Aspectos demográficos — onde estudou as cifras absolutas e relativas e a composição da população; 2. Aspectos econômicos — focalizando as grandes etapas da história econômica da região e, em particular, a pecuária; 3. Aspectos físicos — onde estudou a rede fluvial; 4. Aspectos geológicos — referindo-se ao problema das origens do vale do Paraíba, para concluir pela hipótese da fossa tectônica; 5. O rio Paraíba — onde descreveu o curso, estudando especialmente as águas do rio, para acentuar a sua potabilidade e o fato de não existirem casos de malária às suas margens, apesar da presença do anofelino; também estudou o controle das águas e sua importância, focalizando a questão do débito e regime do rio; 6. As várzeas do Paraíba — descrevendo as planícies de inundação, aluvionais, ricas em *humus*, e estudando o seu solo, que parece constituir um interessante sistema de "terraços"; 7. Possibilidades econômicas — onde tratou dos problemas da irrigação e da horticultura, como também dos trabalhos projetados pelo atual governo do Estado. A palestra, que deu margem a animados debates, foi acompanhada da exibição de gráficos e desenhos elucidativos.

28 DE OUTUBRO DE 1940

Resenha bibliográfica. — Desta parte encarregou-se o prof. Aroldo de Azevedo, que passou a resumir a obra intitulada "*Economic Geography of South America*", de recente publicação e de autoria do Prof. R. H. Whitbeck, da Universidade de Wisconsin, com a colaboração dos profs. Frank Williams e W. Christians, da Universidade de Pensilvânia. Na primeira parte do livro, os autores dão uma vista de

conjunto sobre o continente sul-americano, estudando as suas grandes atividades econômicas, os principais aspectos fisiográficos, as regiões climáticas e os problemas peculiares do "meio" tropical (tais como as doenças, a escravidão negra e o clima, o trabalho do homem branco e as condições gerais do desenvolvimento da América tropical). A seguir, realizam o estudo geo-econômico dos países sul-americanos, focalizando especialmente o Brasil. A respeito do nosso país, os autores começam por fazer uma descrição geral para, depois, entrar no estudo regional, dentro da seguinte divisão: 1. Os taboleiros do interior; 2. Os Estados do sul; 3. O coração do Brasil; 4. O Nordeste tropical; 5. A bacia Amazônica. Estudam, ainda, os transportes, a energia hidráulica e a indústria manufatureira, o comércio exterior e as cidades. O livro em questão termina com uma visão panorâmica da América do Sul, onde figuram os contrastes, cifras comparativas, desenvolvimento econômico e política interna, e as relações do continente com o exterior.

Geomorfologia da bacia Platina. — Ocupou a tribuna, em seguida, o Prof. Fernando Almeida, da Escola Politécnica de São Paulo, que começou por se referir ao encontro, realizado por ocasião de uma viagem de estudos ao sul de Mato Grosso, de seixos rolados no alto da serra de *Maracajú*; anunciou que passaria a explicar este fato através da hipótese de transformações geomorfológicas na Bacia Platina, aceita pelo orador com as devidas reservas. Depois de citar uma bibliografia sobre o assunto, passou a desenvolvê-lo, obedecendo ao seguinte plano: 1. A geologia do sul de Mato Grosso; 2. As regiões naturais; 3. Os cascalhos de Santa-Maria, onde figuram turmalinitos; 4. O "cotovelo" de Posadas e a captura *Paraguai-Paraná*. Desenvolvendo especialmente esta última parte, o orador explicou que o rio *Paraná* correria diretamente para o sul, prolongando-se através do médio e baixo rio *Uruguai*, até que um dos afluentes do rio *Paraguai* veio a "capturá-lo", conduzindo-o através da planície platina, tal como hoje se vê. A palestra foi acompanhada de projeções e deu margem a animados debates.

11 DE NOVEMBRO DE 1940

A vida das saúvas. — Desenvolvendo esse tema, ocupou a tribuna o Dr. Amés Pinto Viagas, da secção de Botânica do Instituto Agronômico de Campinas. Começou por se referir aos estudos de Müller e aos que se estão fazendo atualmente naquele Instituto, onde se tenta estudar em laboratório a vida das saúvas. Ao natural, elas abrem no solo, a cerca de 20 cm, "panelas" onde deitam a semente de um determinado fungo, com que vão alimentar-se. Observa-se que a saída das fêmeas é precedida pela das "operárias", que se encarregam de afastar outros insetos, sendo seguida pela dos machos. As "panelas" são prolongadas por túneis, que chegam a atingir uma centena de metros de comprimento, dando à terra um aspecto esponjoso; cada colônia contém um número elevadíssimo de indivíduos. As saúvas dão preferência a certas plantas para sua alimentação (roseira, eucaliptus), repelindo

outras (como a tiririca). Quando ao solo, procuram a terra-roxa, não sendo encontradas em solos arenosos provavelmente pela impossibilidade de construírem as suas "panelas". São seus inimigos alguns animais, como o tatú, os passarinhos, fungos e, sobretudo, as formigas "cuiabanas", as quais atacam as saúvas, o que leva o caboclo a empregá-las em suas roças. O domínio geográfico da saúva estende-se por todas as zonas do Estado e alcança o sul do país; na Argentina, já aparece uma espécie semelhante, embora de maiores dimensões. Uma delas, a "cabeça de vidro", corta somente capim e é muito encontrada nos pastos.

A presente palestra foi feita quasi exclusivamente através de projeções luminosas e deu margem a animados debates.

O ensino da Geografia no curso secundário. — abordou tal tema o Prof. Pierre Monbeig. Começou por dizer que, ultimamente, teve oportunidade de ocupar-se várias vezes do assunto, afim de responder ao inquérito realizado pelo Prof. Milton da Silva Rodrigues e, também, por ocasião do Nono Congresso Brasileiro de Geografia. Neste certame, realizou-se uma exposição de material didático e de trabalhos de cartografia e modelagem, executados por alunos. Verificou que, apesar dos progressos realizados, ainda há muito por se fazer entre nós, tanto no referente à Geografia como em relação ao seu ensino. Embora exista há vários anos um livro do Prof. Delgado de Carvalho sobre a metodologia do ensino geográfico, nota-se que este acha-se como que fossilizado ou, então, peca por um mal diametralmente oposto, aparecendo entremelado com citações de Vidal de la Blache e outras grandes figuras da Geografia, que se acham fora do alcance e da compreensão do aluno. O problema está em acabar com a velha Geografia, permanecendo dentro das possibilidades do ensino secundário.

Lembra o orador um artigo de Cholley, na revista "L'Information géographique", que afirma ser a geografia o estudo do mundo real, estando sempre em movimento, devendo os livros apresentar exemplos o mais possível claros. Os professores precisam não se esquecer de que a geografia não é ensinada por si, mas que faz parte de um conjunto de matérias do curso secundário, destinadas a desenvolver determinadas qualidades do indivíduo. Devem lembrar-se, igualmente, de que os livros são escritos para uma classe ideal e seu uso deve ser adaptado à classe, ao seu nível intelectual, o que é uma realidade.

Pensa que o ensino deve ser feito progressivamente, despertando apenas qualidades de observação e raciocínio nas classes primárias e na 1.ª série, sem o aluno tirar conclusões; nas seguintes, já é possível um trabalho de análise junto ao de síntese, trabalho preparatório para formar o homem culto, capaz de pensar e de agir por si. Nas últimas séries, quando o aluno já é capaz de abstrações, pode estudar fenômenos econômicos e outros, por meio de aulas práticas, dadas em laboratórios, com material apropriado. Julga irrealizáveis, na maioria dos casos, as excursões, os *films* apropriados e os blocos diagramas; quanto aos mapas, pensa que devem ser, não apenas copiados mecanicamente

com maior ou menor perfeição, mas devem exigir interpretação da realidade geográfica, o que é um trabalho intelectual.

Tal como a anterior, a palestra do Prof. Monbeig foi acompanhada de animadas discussões e trocas de pontos de vista.

25 DE NOVEMBRO DE 1940

Escarpas do Rio de Janeiro. — Ocupou a tribuna o Prof. Pierre Monbeig, que resumiu e comentou o recente trabalho do eng.º Alberto Ribeiro Lamego — “*Escarpas do Rio de Janeiro*” — publicado no boletim n.º 93 do Serviço Geológico e Mineralógico. Começou por lembrar os estudos do Dr. Alberto Betim sobre a geologia da cidade do Rio de Janeiro, o qual concluiu por considerar o relevo da região como o resultado de uma série de falhas. Referiu-se, também, aos que foram levados a efeito pelo Dr. Everardo Backeuser sobre a região litorânea. A seguir, pôs em realce os esforços despendidos pelo Dr. Alberto Lamego afim de realizar os seus notáveis trabalhos, que foram consubstanciados em uma carta geológica na escala de 1:50.000, com curvas de nível de 25 m, referentes a uma região grandemente acidentada e cheia de escarpas abruptas.

O autor não despreza o papel da ação termo-química. Começa por lembrar afirmações gerais feitas por Branner, que parece ter tido uma intuição da realidade. Pela análise microscópica dos materiais cristalinos, ali tão abundantes, percebe-se a intrusão de um cimento, de modo transversal. Ora, este mesmo característico, embora em largas proporções, pode ser encontrado nos blocos montanhosos da capital brasileira: as camadas, fortemente enrugadas, apresentariam brechas transversais, que acabaram por ser mais acentuadas pelas ações térmicas, químicas e biológicas (sobretudo dos líquens). Graças a estes trabalhos posteriores, teve lugar uma abundante decomposição dos terrenos dobrados, restando, apenas, o núcleo ou “raiz” dessas dobras, mais resistente e que aparece, hoje, sob a forma do Pão do Açúcar ou do Corcovado, por exemplo.

Alberto Lamego relembra, nesse trabalho, a sua discutida teoria a respeito do proto-gnaís. Admite a presença de um batólito granítico, que teria oferecido resistência às “ondas” de materiais que vieram por sobre ele se quebrar. Os picos mais altos do maciço Carioca corresponderão a esse bloco de granito. As ilhas lito-

râneas serão como as “vanguardas” das montanhas da região, testemunhas das antigas serras, que a erosão reduziu a alturas bem modestas. Imagina, mesmo, que tais serras chegassem a ter, inicialmente, alturas de 25 e 30 mil metros.

O Prof. Monbeig acentuou, por fim, que embora a paisagem carioca seja difícil de ser comparada com outra qualquer, apresenta alguns traços que lembram as regiões de dobramento, o que parece confirmar as interessantes idéias do eng.º Alberto Lamego.

A palestra foi acompanhada de projeções luminosas.

IV. A A. G. B. E O NONO CONGRESSO DE GEOGRAFIA

Desejando colaborar na obra meritória do Nono Congresso Brasileiro de Geografia, deliberou a “Associação” organizar uma verdadeira Geografia de São Paulo. Para isso, foram distribuídos diversos temas a alguns de seus associados e a personalidades de destaque nas diversas especializações. Infelizmente, porém, a obra ficou incompletamente realizada, não podendo figurar perante o referido Congresso.

Independente disso, resolveu a sua diretoria encaminhar os trabalhos que puderam ficar concluídos até Agosto de 1940. São os seguintes:

Antonietta de Paula Sousa — “A expansão da citricultura no Estado de São Paulo”.

Aroldo de Azevedo — “O Vale do Paraíba (trecho paulista)”.

Astrogildo Rodrigues de Melo — “Os japoneses em S. Paulo”.

Cato Prado Júnior — “Nova contribuição ao estudo geográfico da cidade de S. Paulo”.

Conceição Vicente de Carvalho — “Primeiras notas sobre o porto de Santos”.

J. Sampaio Ferraz — “Clima” (vide secretaria Congresso).

João Dias da Silveira — “A região de Amparo e suas vizinhanças”.

Odilon Nogueira Matos — “Evolução ferroviária de S. Paulo”.

Renato Silveira Mendes — “As rodovias de S. Paulo”.

Sálvio de Almeida Azevedo — “Problemas de imigração e colonização em São Paulo”.

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

(RELATÓRIO APRESENTADO PELO SECRETÁRIO PERPÉTUO, NO DIA 21 DE OUTUBRO DE 1940)

Na sessão solene, comemorativa do 102.º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Sr. Dr. Max Fleiuss, Secretário Perpétuo, leu o seguinte relatório das atividades da prestigiosa instituição:

“Mais uma vez tenho, mercê de Deus, a grata fortuna, de apresentar o relatório anual

dos sucessos ocorridos nesta associação, cujo prestígio aumenta paralelamente com o interesse que todos nutrimos em bem servir à Pátria e aos estudiosos.

SESSÕES — Depois da sessão magna de 21 de Outubro de 1939, houve as seguintes sessões:

Em 13 de Novembro, centenário do natalício do Conselheiro Francisco Belisário Soares de Sousa, uma sessão especial, realizando o nosso eminente primeiro vice-presidente,